

# Só ensino superior garante ganho crescente de renda

**Em 18 anos, retorno salarial de quem cursou faculdade subiu de 193% para 203%**

No caso dos que fizeram apenas o ensino médio, vantagem recuou de 114% para 68,8%

Quem tem curso superior viu o chamado prêmio por educação, que é quanto uma pessoa ganha a mais por ano de estudo, aumentar entre 1996 e 2014. Nesse período, o retorno para quem tem 16 anos de instrução subiu

de 193% para 203%. Já para quem tem apenas o ensino médio, ou 11 anos de estudo, o percentual caiu de 114% para 68,8%, na mesma comparação, aponta levantamento do economista Marcelo Neri, da FGV. Esse movimen-

to reflete tanto o fato de mais jovens completarem o ensino médio quanto a tendência de as empresas exigirem escolaridade cada vez maior. A recessão, que afetou mais os salários dos jovens, agrava o quadro. **PÁGINA 29**

# No topo, ganho preservado

Quem tem nível superior consegue maior retorno por educação. No nível médio, vantagem cai

## QUANTO VALE O ESTUDO

AUMENTO DA RENDA CONFORME O AVANÇO DA EDUCAÇÃO

(Em relação à renda dos sem instrução)

O retorno médio da educação  
caiu de 12% para 10%

CÁSSIA ALMEIDA  
cassia@oglobo.com.br

O acesso à educação vem melhorando no Brasil. Estudo inédito do diretor da FGV Social, Marcelo Neri, comprova isso: em 1996, 70% dos filhos permaneceram com a mesma educação dos pais; em 2014, essa parcela caiu para 47%. Essa melhora, no entanto, não se deu da mesma forma em todos os níveis. O chamado prêmio por educação — o quanto uma pessoa ganha a mais por ano de estudo — aumentou para quem foi à universidade e completou 16 anos de estudo, passando de 193%, em 1996, frente a quem não tem instrução, para 203% em 2014. Já para quem tem apenas o ensino médio (11 anos de estudo), essa vantagem caiu de 114% para 68,8%, na mesma comparação. Na média, o retorno por educação recuou de 12% para 10,5% no período. Esse movimento reflete tanto o fato de mais jovens completarem o ensino médio quanto a tendência de as empresas exigirem uma escolaridade cada vez maior.

— Pode ser uma das explicações para a evasão dos jovens. No meio, a queda foi grande. Talvez seja um dos grandes problemas da educação no Brasil no ensino médio. Cerca de 15% dos jovens estão fora da escola e não se consegue mudar isso, situação que persiste desde 2008. O retorno da educação nesse nível caiu bastante. Quem conclua o ensino médio conseguia se diferenciar mais no mercado de trabalho. Agora, não consegue — afirmou Neri.

Apesar do avanço do ensino superior, o que fez aumentar a oferta dessa mão de obra no mercado, Neri diz que houve expansão forte na demanda por trabalhadores mais escolarizados, o que fez o retorno permanecer no mesmo nível ou até subir. A partir de dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais), o economista calcula que 33% da desigualdade no mercado de trabalho eram explicados pela diferença salarial dos profissionais de nível superior em 1996, enquanto em 2014 esse percentual era de 44%.

— As pessoas com nível superior são um recurso escasso na sociedade brasileira, até por causa desse gargalo no ensino médio, que a gente não consegue melhorar. Permanece uma certa casta universitária: 77% dos filhos que tinham pais com nível superior conseguem concluir a faculdade. Mas se os pais só tiveram o fundamental completo, essa parcela cai para 18,4% — explica Neri.

Bruna Gomes da Silva, de 20 anos, está entre esses 18,4%. Seu pai, Antônio Paulino, é porteiro e estudou apenas por quatro anos. Hoje ele vê a filha no segundo período de Administração de



uma universidade particular — vaga conseguida com bolsa de estudo pela boa colocação no Enem. Já seu filho Rafael, de 25 anos, completou o ensino médio e estuda inglês.

— Estudei até a quarta série, porque precisava trabalhar. Minha mãe ficou viúva quando eu tinha 2 anos, e eram cinco filhos. Vim para o Rio e espero que meus filhos tenham uma vida melhor — conta Paulino.

Bruna, por sua vez, não quer parar com os estudos e pretende ser executiva de uma grande empresa:

— Penso em estudar no exterior.

Para o sociólogo Rafael Osório, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a sociedade brasileira está ficando mais aberta. Ele ressalta, porém, que no topo, “nem tanto”:

— A sociedade vem diminuindo lentamente a desigualdade de oportunidades. A elite brasileira é permeável, mas não muito. É um estrato social pequeno, a persistência (manutenção da mesma educação dos pais) é muito grande nesse grupo.

#### **BAGAGEM FAMILIAR INFLUENCIA**

Segundo Neri, a mobilidade social melhorou no Brasil, mas a relação entre a educação de pais e filhos ainda permanece muito alta.

— É como se estivéssemos na terceira divisão de falta de igualdade de oportunidades entre as nações. Agora, estamos no último lugar da segunda divisão, muito atrás de outros países. Mas antes estávamos em outra liga — diz Neri.

Osório chama a atenção para a necessidade de melhorar mais rapidamente o acesso às oportunidades:

— Grande parte da desigualdade no

mercado de trabalho, essencialmente, é produzida na escola. Sendo assim, vamos ter de conviver com a desigualdade por muito tempo, se não acelerarmos esse processo. A melhoria é muito lenta. Principalmente no topo.

E os salários refletem essa diferença. Para quem tem curso superior e os pais não tinham instrução, o salário era de R\$ 2.603. Quando os pais tinham curso superior, a renda subia para R\$ 6.739.

— O retorno da educação que você vai conquistar será tão maior quanto maior for a educação dos pais, por causa da bagagem familiar, das conexões e da qualidade da educação — afirma Neri.

O sociólogo Carlos da Costa Ribeiro, do Iesp/Uerj, estudioso da mobilidade, diz que o acesso às oportunidades vem melhorando desde 1973, mas ainda observa-se a reprodução da desigualdade de gerações anteriores:

— Descontando todo o efeito da educação, ainda permanecem as características que passam de pai para filho. O pai mais rico pode abrir um negócio para o filho, embora ele não tenha estudo. É muito comum. Mesmo considerando o sistema educacional, o médico vai passar a clínica para o filho.

Neri ressalta que a recessão em 2015 e 2016 foi mais cruel com os mais jovens, o que deve reduzir ainda mais o prêmio pela educação:

— O salário dos jovens caiu em média 4,4% em 2016. Para quem tem entre 20 e 24 anos, a queda foi de 10,6%. O grupo que mais perdeu renda nos últimos anos foi o de jovens. Eles também têm encontrado as portas do mercado de trabalho fechadas, é uma frustração dupla. Isso afeta a capacidade dos jovens de traçar seu futuro, de melhorar de vida. ●



**Ascensão.** Antônio Paulino, que estudou até a 4ª série, e a filha, Bruna, que está na faculdade

**Corpo a corpo**

**NAERCIO MENEZES FILHO**

## 'O diferencial agora é a pós-graduação'

Para economista e coordenador do Centro de Políticas Públicas do Insper, baixa qualidade das escolas públicas prejudica aprendizado

● **O que fez o retorno da educação no ensino médio cair no período?**

Houve um grande aumento das pessoas com essa escolaridade. Ao longo dos anos 2000, quase 70% dos jovens chegaram ao ensino médio. Com Prouni e Fies (programas de apoio do governo para ensino superior), aumentou o acesso à universidade, principalmente na área de Humanas: Direito, Pedagogia, Ciências Sociais, Administração. Para essas carreiras, o retorno também caiu. Não diminuiu para quem cursou Medicina, Engenharia. O diferencial agora é a pós-graduação. Quem é economista, administrador, tem de ter MBA, mestrado. O retorno para esse nível de instrução depois da universidade vem aumentando continuamente desde os anos 1990.

● **Mas ainda temos poucos jovens na universidade...**

Da última geração, de 15% a 20% dos jovens chegam ao ensino superior. Na Coreia do Sul e nos Estados Unidos, esse percentual chega a quase 50%.



● **Vem aumentando o retorno para o topo da pirâmide?**

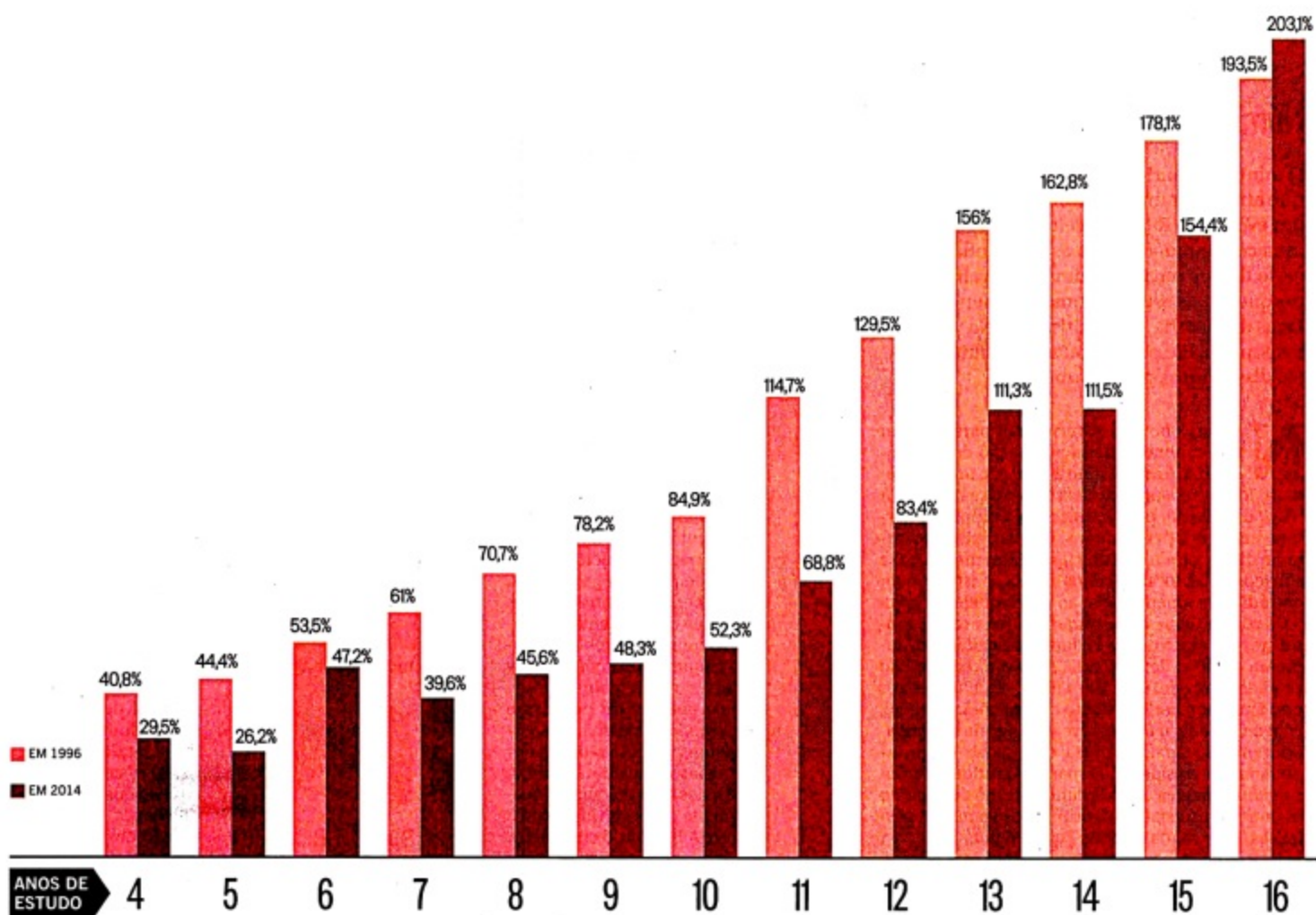
A elite no Brasil, o 1% mais rico, ganha muito, apropria-se de uma parte muito grande da renda. É esse pessoal que faz MBA internacional, mestrado, para sinalizar que é diferente dos demais. No passado, para esse topo, de 1% a 5% mais ricos, bastava ter ensino superior: Medicina, Engenharia, Direito. Os filhos dessa elite têm acesso aos meios culturais, investimento em sua educação, frequentam pré-escola de qualidade, vão à escola privada e entram na universidade pública. Não sofrem queda socioeconômica.

● **Mas houve melhora nas últimas décadas...**

Lógico que houve avanços, antes as pessoas nem iam à escola. Mas não estamos levando em consideração a qualidade das escolas públicas, frequentadas principalmente por pessoas mais pobres. Melhorou o acesso, mas a baixa qualidade do aprendizado vai comprometer o salário futuro dessas pessoas. Muitos jovens estão se formando no ensino médio sem fazer contas básicas, ler textos. (Cássia Almeida) ●

**Naercio.** "Muitos se formam no ensino médio sem fazer contas básicas"





Fonte: Estudo da FGV Social, com base nas pesquisas de mobilidade social do IBGE

Editoria de Arte



**Ascensão.** Antônio Paulino, que estudou até a 4ª série, e a filha, Bruna, que está na faculdade